

38

Bairro Maria Ortiz, onde a miséria é vizinha da riqueza

Texto Cloves Geraldo

Existem bairros que não têm história, têm casos. Este é o exemplo do bairro Maria Ortiz. Histórias têm seus moradores, como a faxineira da **Fesbem**, Maria de Souza Morais, que trocou um lote no mangue por um relógio de pulso. Os catadores de lixo que disputam seu sustento com urubus e moscas. E as demais pessoas que são obrigadas a morar num local onde inexistente saneamento básico, ruas asfaltadas, posto médico e água. Tudo isso ocorre no Maria Ortiz, bairro pobre e esquecido, espécie de quintal dos bairros mais ricos como Goiabeiras e Jabour.

Encravado entre dois bairros classe média alta — Goiabeiras e Jabour — e expandindo-se cada vez mais mangue adentro, o bairro Maria Ortiz, distante 20 minutos do centro da cidade, transformou-se nos últimos anos num ponto de referência obrigatória para qualquer pesquisa sobre a população carente de Vitória. Todo tipo de pesquisador, seja sociólogo ou sanitarista — ou até universitários — sentem-se atraído pela convivência entre elegantes residências em estilo colonial ou mediterrâneo com os miseráveis barracos de madeira fincados no mangue sem saneamento básico.

É bem verdade que os barracos atuam como uma espécie de quintal das casas sofisticadas, porém, inexistente harmonia entre a agonia dos moradores do primeiro e a calma dos habitantes das últimas. E não é para menos. O Maria Ortiz é o bairro dos migrantes, motivo de estudo em qualquer capital brasileira. Para ali convergem dezenas de pessoas anualmente vindas das mais diferentes regiões do país, com as mais sedutoras histórias para contar aos estudiosos da miséria.

Mas, segundo a tesouraria do Centro Comunitário da Vila Solom Borges e bairro Antônio Honório, Cidinha Maria Dalmazo, seus moradores já estão cansados de dar informações que preencham fichas e questionários bem elaborados, sem haver resposta imediata para seus problemas. "É muita exploração, todo mundo vem explorar a gente daqui" — disse. Até políticos vez em quando, principalmente nas proximidades das eleições, resolvem fazer sua visita demonstrando particular interesse pelas dificuldades daquelas pessoas.

CRIANÇAS E FOME

Entretanto, por mais paradoxal que seja, no momento, a Divisão de Serviço Social da Prefeitura não realiza nenhum trabalho junto aquela comunidade. O que acontece ali é es-



Maria Ortiz é hoje um aglomerado de barracos sem saneamento básico, ruas pavimentadas, posto médico e água.

1.950,00. Trabalha para ajudar o marido inválido a manter os cinco filhos e como as demais donas-de-casa não pode dar-se ao luxo de pagar uma empregada ou uma pessoa para tomar conta das crianças. O que se vê devido a esta ausência de recursos, é garotos "passeando" pelo lixão de pés descalços, enquanto suas mães estão no trabalho.

CHEIRO TERRIVEL

Quando o bairro Maria Ortiz começou a ser formar, no início dos anos 70, era apenas uma faixa de terra desocupada à beira do mangue. A comunidade que foi se formando ainda não tinha preocupação com esgoto, água, luz, escola, creche, posto de saúde. Queria somente um terreno para levantar sua moradia. E mesmo sabendo que aqueles terrenos pertenciam à Marinha e não poderiam jamais tirar uma escritura e averbar a área ocupada para lá se mudaram.

Santina Pera da Silva, dona de uma lojinha na esquina das avenidas Jerônimo Vervloet e Amadeu Berezatti, está no Maria Ortiz há cinco anos e se lembra de quando o mangue chegava ao lugar onde é hoje a Igreja Evangélica Cristã, junto à avenida principal Amadeu Berezatti. Depois, o pessoal foi chegando, aterrando, construindo barracos, casas de tijolos, surgiram as primeiras quitandas, as oficinas mecânicas que empregam hoje perto de 100 operários, a farmácia, o supermercado.

As ruas, entretanto, salvo pelo nivelamento e aterros que a Prefeitura faz de vez em quando, permanece sem asfalto. Só os moradores da avenida principal não reclamam contra a falta d'água, de esgoto e luz. "Agora aqui está ótimo" — salienta Oswaldo José dos Santos, há três anos morador no número 668 da Amadeu Berezatti "Aqui

mente. Tereza José Furtado de Souza, proprietária de um barzinho no ponto final da linha de ônibus Maria Ortiz mostra a cobrança de Cr\$ 245,00 de taxa de água e diz: "E não tem água". As ironias se acumulam. "Quando a gente vai à Cesan solicitar a ligação d'água, exigem uma caixa de 2,5 metros de altura, mas depois não vem água, acrescenta Benvindo Amorim.

Até aqueles que costumam ir ao Maria Ortiz para trabalhar, igual ao cobrador de carnês, Miguel Queiroz, encontram erros demais para não serem apontados. "Deviam ter outro lugar para jogar o lixo, não num lugar povoado desse", sugere. O lixo, por outro lado, já se tornou uma daquelas doenças que os moradores têm de conviver com elas sem encontrar solução.

LIXO É DOENÇA

As moscas tomam conta das ruas, lojas, residências, bares. Com elas podem vir diversos tipos de doença. O depósito de lixo é o seu habitat natural. Disputam os 30 caminhões de detritos que chegam de bairros afastados como Santo Antônio, Caraburi e Vila Rubin com os urubus e os catadores de ferro velho, alumínio, latão, garrafa que ficam de manhã à tarde buscando seu sustento.

Os catadores, em sua maioria mulheres e menores, atiram-se aos pacotes, caixas de papelão e sacos plásticos afastando urubus que contentam-se em ficar em montes de lixo já explorados, mas não evitam que os mosquitos os incomodem. Qualquer indivíduo desacostumado ao mal cheiro pode derramar a bilis ali mesmo e não causar o menor constrangimento àquelas mulheres negras, mulatas e velhas, vindas de bairros distantes como Ilha das Caieiras e São Torquato.

Distante 30 metros, a tubulação de esgoto da avenida principal entra mar

38 Bairro Maria Ortiz, onde a miséria é vizinha da riqueza

Texto Cloves Geraldo

Existem bairros que não têm história, têm casos. Este é o exemplo do bairro Maria Ortiz. Histórias têm seus moradores, como a faxineira da Fesbem, Maria de Souza Moraes, que trocou um lote no mangue por um relógio de pulso. Os catadores de lixo que disputam seu sustento com urubus e moscas. E as demais pessoas que são obrigadas a morar num local onde inexistente saneamento básico, ruas asfaltadas, posto médico e água. Tudo isso ocorre no Maria Ortiz, bairro pobre e esquecido, espécie de quintal dos bairros mais ricos como Goiabeiras e Jabour.

Encravado entre dois bairros classe média alta — Goiabeiras e Jabour — e expandindo-se cada vez mais mangue adentro, o bairro Maria Ortiz, distante 20 minutos do centro da cidade, transformou-se nos últimos anos num ponto de referência obrigatória para qualquer pesquisa sobre a população carente de Vitória. Todo tipo de pesquisador, seja sociólogo ou sanitarista — ou até universitários — sentem-se atraído pela convivência entre elegantes residências em estilo colonial ou mediterrâneo com os miseráveis barracos de madeira fincados no mangue sem saneamento básico.

É bem verdade que os barracos atuam como uma espécie de quintal das casas sofisticadas, porém, inexistente harmonia entre a agonia dos moradores do primeiro e a calma dos habitantes das últimas. E não é para menos. O Maria Ortiz é o bairro dos migrantes, motivo de estudo em qualquer capital brasileira. Para ali convergem dezenas de pessoas anualmente vindas das mais diferentes regiões do país, com as mais sedutoras histórias para contar aos estudiosos da miséria.

Mas, segundo a tesouraria do Centro Comunitário da Vila Solom Borges e bairro Antonio Honório, Cidinha Maria Dalmazo, seus moradores já estão cansados de dar informações que preenchem fichas e questionários bem elaborados, sem haver resposta imediata para seus problemas. "É muita exploração, todo mundo vem explorar a gente daqui" — disse. Até políticos vez em quando, principalmente nas proximidades das eleições, resolvem fazer sua visita demonstrando particular interesse pelas dificuldades daquelas pessoas.

CRIANÇAS E FOME

Entretanto, por mais paradoxal que seja, no momento, a Divisão de Serviço Social da Prefeitura não realiza nenhum trabalho junto aquela comunidade. O que acontece ali de estarrecer as almas mais sensíveis não é apenas com referência à já conhecida carência de saneamento básico ou o lixo da cidade que é despejado diariamente junto ao mangue e dos quais falaremos depois, mas sim das crianças que são levadas ao Centro Comunitário para se alimentar ou que ficam em casa presas com as mães tomando conta das mais novas.

A carioca Maria de Souza Moraes, mãe de cinco filhos, o mais velho com 14 anos, e mais novo com três, hoje funcionária da Fundação Espírito Santense do Bem Estar do Menor (Fesbem) conta que até bem pouco tempo quem tomava conta de seus dois filhos menores — de três e cinco anos era sua filha de sete anos. Ela saía e, por precaução, escondia faca, fósforos e todo objeto cortante das crianças.

Havia um revezamento. O garoto de 14, anos, na época com 13 levantava, fazia o almoço para os irmãos e saía para a escola. A irmã chegava por volta das 12 horas e passava o resto do dia com eles. Este é apenas um caso, existem dezenas semelhantes a este. O que falta no entender, tanto de Maria de Moraes, como no de Cidinha Damazo, é uma creche para que as mães possam deixar seus filhos.

A maioria delas é gárgi, lavadeiras ou domésticas e não tem outro recurso senão deixar os filhos à sua própria sorte. Como de 40 crianças do Maria Ortiz



Maria Ortiz é hoje um aglomerado de barracos sem saneamento básico, ruas pavimentadas, posto médico e água.

1.950,00. Trabalha para ajudar o marido inválido a manter os cinco filhos e como as demais donas-de-casa não pode dar-se ao luxo de pagar uma empregada ou uma pessoa para tomar conta das crianças. O que se vê devido a esta ausência de recursos, é garotos "passeando" pelo lixo de pés descalços, enquanto suas mães estão no trabalho.

CHEIRO TERRIVEL

Quando o bairro Maria Ortiz começou a ser formar, no início dos anos 70, era apenas uma faixa de terra desocupada à beira do mangue. A comunidade que foi se formando ainda não tinha preocupação com esgoto, água, luz, escola, creche, posto de saúde. Queria somente um terreno para levantar sua moradia. E mesmo sabendo que aqueles terrenos pertenciam à Marinha e não poderiam jamais tirar uma escritura e averbar a área ocupada para lá se mudarem.

Santina Pera da Silva, dona de uma lojinha na esquina das avenidas Jerônimo Vervloet e Amadeu Berezatti, está no Maria Ortiz há cinco anos e se lembra de quando o mangue chegava ao lugar onde é hoje a Igreja Evangélica Cristã, junto à avenida principal Amadeu Berezatti. Depois, o pessoal foi chegando, aterrando, construindo barracos, casas de tijolos, surgiram as primeiras quitandas, as oficinas mecânicas que empregam hoje perto de 100 operários, a farmácia, o supermercado.

As ruas, entretanto, salvo pelo nivelamento e aterros que a Prefeitura faz de vez em quando, permanece sem asfalto. Só os moradores da avenida principal não reclamam contra a falta d'água, de esgoto e luz. "Agora aqui está ótimo" — salienta Oswaldo José dos Santos, há três anos morador no número 668 da Amadeu Berezatti "Aqui é bom para morar" — completa Santina da Silva.

Outros moradores, como Odila Finamori Uchoa, dona de supermercado por terem construído suas residências naquela avenida transmitem uma boa imagem do bairro, mas reconhecem que nem todos podem fazer o mesmo. O fiscal da Viação Atlântica, Geraldo Castro, conta que um lote custa no mínimo 100 mil cruzeiros hoje no bairro Maria Ortiz e não é nos melhores lugares. Os terrenos encareceram muito naquela região, devido às proximidades de Goiabeiras, das praias, da condução fácil.

POBRE AFASTADO

Diz Cidinha Dalmazo que os ricos estão empurrando os pobres para outros bairros mais distantes. "Devagar os grandes vão comprando os terrenos", sentenciou. Esta tem sido a única forma de eles não entrarem em conflito com os menos favorecidos que habitam uma área muito valorizada. Amanhã, os pobres estarão em outro lugar e eles tranquilos.

Mas nem sempre foi assim. Maria de Moraes há cinco anos trocou um relógio por um terreno à beira do mangue. Construiu seu barraco em cima d'água mesmo. Depois conseguiu cinco caminhões de terra e aterrou parte de seu lote (?). Ela já não reclama, seu problema atualmente é aposentar o

mente. Tereza José Furtado de Souza, proprietária de um barzinho no ponto final da linha de ônibus Maria Ortiz mostra a cobrança de Cr\$ 245,00 de taxa de água e diz: "E não tem água". As ironias se acumulam. "Quando a gente vai à Cesan solicitar a ligação d'água, exigem uma caixa de 2,5 metros de altura, mas depois não vem água, acrescenta Benvindo Amorim.

Até aqueles que costumam ir ao Maria Ortiz para trabalhar, igual ao cobrador de carnes, Miguel Queiroz, encontram erros demais para não serem apontados. "Deviam ter outro lugar para jogar o lixo, não num lugar povoado desse", sugere. O lixo, por outro lado, já se tornou uma daquelas doenças que os moradores têm de conviver com elas sem encontrar solução.

LIXO É DOENÇA

As moscas tomam conta das ruas, lojas, residências, bares. Com elas podem vir diversos tipos de doença. O depósito de lixo é o seu habitat natural. Disputam os 30 caminhões de detritos que chegam de bairros afastados como Santo Antonio, Caraburi e Vila Rubin com os urubus e os catadores de ferro velho, alumínio, latão, garrafa que ficam de manhã à tarde buscando seu sustento.

Os catadores, em sua maioria mulheres e menores, atiram-se aos pacotes, caixas de papelão e sacos plásticos afastando urubus que contentam-se em ficar em montes de lixo já explorados, mas não evitam que os mosquitos os incomodem. Qualquer indivíduo desacostumado ao mal cheiro pode derramar a bilis ali mesmo e não causar o menor constrangimento àquelas mulheres negras, mulatas e velhas, vindas de bairros distantes como Ilha das Caieiras e São Tomé.

Distante 30 metros, a tubulação de esgoto da avenida principal entra mar adentro e despeja mais detritos. Afastados pode-se ver pescadores em suas canoas buscando seu sustento. Na divisa dos bairros Maria Ortiz e Jabour existe outro depósito de lixo, este mais cuidado que o outro, porém não menos desagradável. Neste, a Prefeitura joga terra em cima. "No presente, nosso maior problema é o lixo, deviam ter mais capricho, é um mal terrível", reclama Santina da Silva.

FALTAM MÉDICOS

Apesar desses transtornos, ainda existem aqueles que procuram alugar um barraco de quatro cômodos por Cr\$ 1.500,00 ou uma casa por Cr\$ 3.500,00, no Maria Ortiz. O bairro é carente também de posto médico, de escola — só agora estão construindo uma — e luz em certas ruas. Os doentes procuram o Centro Comunitário que atende 440 pessoas por mês, sendo 90 por cento do Maria Ortiz. A doença mais comum nos adultos é deficiência cardíaca. E os médicos são poucos.

O quadro de atendimento é esse. De segunda a sexta-feira, só no período da manhã, existe um pediatra que atende das 7 às 10 horas. O clínico geral faz consultas de segunda a sexta-feira, das 13 às 16 horas. E o dentista atende nos cinco dias da semana, em dois horários: das 7 às 10 e das 12 às 15

CRIANÇAS E FOME

Entretanto, por mais paradoxal que seja, no momento, a Divisão de Serviço Social da Prefeitura não realiza nenhum trabalho junto aquela comunidade. O que acontece ali é de estarrecer as almas mais sensíveis não é apenas com referência à já conhecida carência de saneamento básico ou o lixo da cidade que é despejado diariamente junto ao mangue e dos quais falaremos depois, mas sim das crianças que são levadas ao Centro Comunitário para se alimentar ou que ficam em casa presas com as mais velhas tomando conta das mais novas.

A carioca Maria de Souza Moraes, mãe de cinco filhos, o mais velho com 14 anos, e mais novo com três, hoje funcionária da Fundação Espirito Santense do Bem Estar do Menor (Fesbem) conta que até bem pouco tempo quem tomava conta de seus dois filhos menores — de três e cinco anos era sua filha de sete anos. Ela saía e, por precaução, escondia faca, fósforos e todo objeto cortante das crianças.

Havia um revezamento. O garoto de 14, anos, na época com 13 levantava, fazia o almoço para os irmãos e saía para a escola. A irmã chegava por volta das 12 horas e passava o resto do dia com eles. Este é apenas um caso, existem dezenas semelhantes a este. O que falta no entender, tanto de Maria de Moraes, como no de Cidinha Damazo, é uma creche para que as mães possam deixar seus filhos.

A maioria delas é gárgula, lavadeiras ou doméstica e não tem outro recurso senão deixar os filhos à sua própria sorte. Cerca de 40 crianças do Maria Ortiz vão diariamente ao Centro Comunitário para ficar sob os cuidados da Fesbem e poder alimentar e receber noção de higiene, iniciação escolar, trabalhos manuais e recreação. E são elas que apresentam o maior índice de verminose e desintéria dos bairros adjacentes, afirma Cidinha Dalmazo.

FALTA CRECHE

A tesoureira do Centro Comunitário insiste na necessidade de a Prefeitura construir urgentemente uma creche para atender a esses menores. Já foram apresentadas algumas soluções para que ela não resolva o problema deles. Seriam construídas as chamadas creches casulo com capacidade para 30 crianças, mas não atenderiam ao elevado número de menores carentes com idade variável entre meses e 14 anos.

Numa das diversas reivindicações nesse sentido feitas pelo Centro Comunitário ao prefeito Carlos Lindenberg von Schilgen, este teria dito, de acordo com Cidinha Dalmazo, que bastava a entidade arranjar uma casa que o Município pagaria o aluguel. Porém, fez uma ressalva, a creche não poderia ser instalada num barraco, exigência impossível de ser atendida, considera Cidinha Dalmazo, porque naquela área inexistente uma casa dentro dos padrões exigidos pelo prefeito.

E ficou o impasse. Maria de Moraes, por exemplo, ganha por mês Cr\$

faz de vez em quando, permanece sem asfalto. Só os moradores da avenida principal não reclamam contra a falta d'água, de esgoto e luz. "Agora aqui está ótimo" - salienta Oswaldo José dos Santos, há três anos morador no número 668 da Amadeu Berezatti "Aqui é bom para morar" - completa Santina da Silva.

Outros moradores, como Odila Finamori Uchoa, dona de supermercado - por terem construído suas residências naquela avenida transmitem uma boa imagem do bairro, mas reconhecem que nem todos podem fazer o mesmo. O fiscal da Viação Atlântica, Geraldo Castro, conta que um lote custa no mínimo 100 mil cruzeiros hoje no bairro Maria Ortiz e não é nos melhores lugares. Os terrenos encareceram muito naquela região, devido às proximidades de Goiabeiras, das praias, da condução fácil.

POBRE AFASTADO

Diz Cidinha Dalmazo que os ricos estão empurrando os pobres para outros bairros mais distantes. "Devagar os grandes vão comprando os terrenos", sentença. Esta tem sido a única forma de eles não entrarem em conflito com os menos favorecidos que habitam uma área muito valorizada. Amanhã, os pobres estarão em outro lugar e eles tranquilos.

Mas nem sempre foi assim. Maria de Moraes há cinco anos trocou um relógio por um terreno à beira do mangue. Construiu seu barraco em cima d'água mesmo. Depois conseguiu cinco caminhões de terra e aterrou parte de seu lote (?). Ela já não reclama, seu problema atualmente é aposentar o marido.

Entretanto, Benvidio Amorim acredita que o bairro Maria Ortiz tem problemas demais. "Água aqui só quando chove, quando os veranistas param de tomar banho e os poderosos param de aguar seu jardim", desabafa. A água só chega à noite, quando chega. Todos os que moram junto ao mangue ou dentro dele, são obrigados a tomar água do poço.

As contas, porém, chegam regular-

pode derramar a bilis ali mesmo e não causar o menor constrangimento àquelas mulheres negras, mulatas e velhas, vindas de bairros distantes como Ilha das Caieiras e São Tomé.

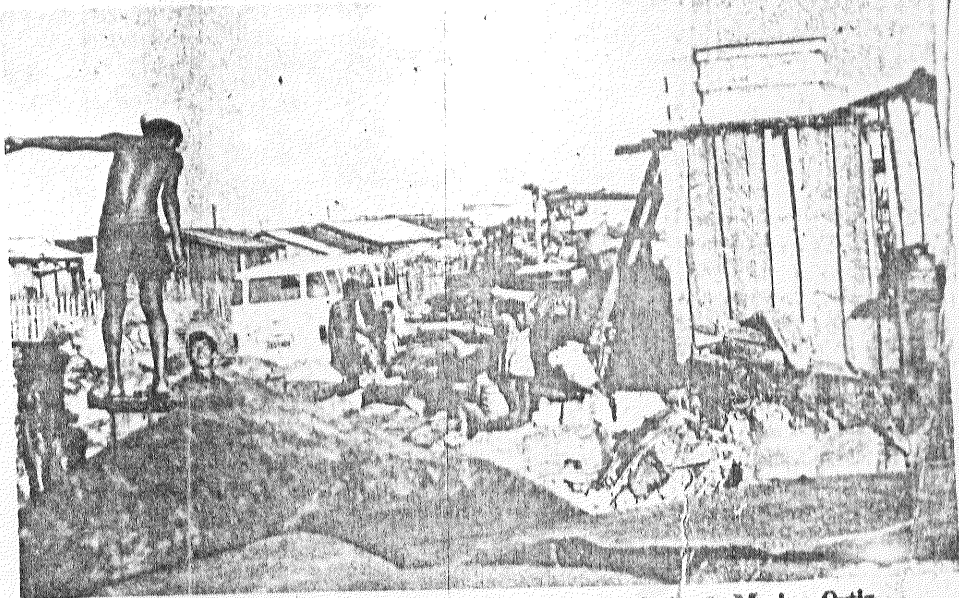
Distante 30 metros, a tubulação de esgoto da avenida principal entra mar adentro e despeja mais detritos. Afastados pode-se ver pescadores em suas canoas buscando seu sustento. Na divisa dos bairros Maria Ortiz e Jabour existe outro depósito de lixo, este mais cuidado que o outro, porém não menos desagradável. Neste, a Prefeitura joga terra em cima. "No presente, nosso maior problema é o lixo, deviam ter mais capricho, é um mal terrível", reclama Santina da Silva.

FALTAM MÉDICOS

Apesar desses transtornos, ainda existem aqueles que procuram alugar um barraco de quatro cômodos por Cr\$ 1.500,00 ou uma casa por Cr\$ 3.500,00, no Maria Ortiz. O bairro é carente também de posto médico, de escola - só agora estão construindo uma - e luz em certas ruas. Os doentes procuram o Centro Comunitário que atende 440 pessoas por mês, sendo 90 por cento do Maria Ortiz. A doença mais comum nos adultos é deficiência cardíaca. E os médicos são poucos.

O quadro de atendimento é esse. De segunda a sexta-feira, só no período da manhã, existe um pediatra que atende das 7 às 10 horas. O clínico geral faz consultas de segunda a sexta-feira, das 13 às 16 horas. E o dentista atende nos cinco dias da semana, em dois horários: das 7 às 10 e das 12 às 15 horas.

Quem quiser pronto atendimento tem de vir à cidade. O ônibus que transporta os cinco mil moradores do bairro só circula até as 22h50m. E não têm eles nem o recurso de um orelhão para chamar uma ambulância. Tudo isso ocorre no Maria Ortiz, um centro populacional, bairro dormitório como o é Goiabeiras, porém sem os mesmos recursos e tendo como recompensa um tremendo mal cheiro.



A convivência com o lixo é um hábito da comunidade de Maria Ortiz

cular interesse pelas dificuldades

CRIANÇAS E FOME

Entretanto, por mais paradoxal que seja, no momento, a Divisão de Serviço Social da Prefeitura não realiza nenhum trabalho junto aquela comunidade. O que acontece ali de estas, há três anos morador no número 668 da Amadeu Berezatti "Aqui é bom para morar" - completa Santana da Silva.

Outros moradores, como Odila Finamor Uchoa, - dona de supermercado - por terem construído suas residências naquela avenida transmitem uma boa imagem do bairro, mas reconhecem que nem todos podem fazer o mesmo. O fiscal da Viação Atlântica, Geraldo Castro, conta que um lote custava no mínimo 100 mil cruzeiros hoje no bairro Maria Ortiz e não é nos melhores lugares. Os terrenos encastados de seus dois filhos me tomava conta de sete anos era sua filha de sete anos. Ela sala e por três e cinco anos era sua filha de sete anos. Ela sala e por três e cinco anos era sua filha de sete anos. Ela sala e por três e cinco anos era sua filha de sete anos.

A cartoca Maria de Souza Moraes, mãe de cinco filhos, o mais velho com 14 anos, e mais novo com três, hoje funcionária da Fundação Espírito Santense do Bem Estar do Menor (Fesbem) conta que até bem pouco tempo quem tomava conta de seus dois filhos menores - de três e cinco anos era sua filha de sete anos. Ela sala e por três e cinco anos era sua filha de sete anos. Ela sala e por três e cinco anos era sua filha de sete anos.

Havia um revezamento. O garoto de 14 anos, na época com 13 levantava, fazia o almoço para os irmãos e saía para a escola. A irmã chegava por volta das 12 horas e passava o resto do dia com eles. Este é apenas um caso, existem dezenas semelhantes a este. O que falta no entender, tanto de Maria de Moraes, como no de Cidinha Damazo, é uma creche para que as mães possam deixar seus filhos.

A maioria delas é gari, lavadeiras ou doméstica e não tem outro recurso senão deixar os filhos a sua própria sorte. Cerca de 40 crianças do Maria Ortiz vão diariamente ao Centro Comunitário para ficar sob os cuidados da Fesbem e poder alimentar e receber noção de higiene, iniciação escolar, trabalhos manuais e recreação. E são elas que apresentam o maior índice de vermi-rose e desnutrição dos bairros adjacentes, afirma Cidinha Dalmazo.

A tesoureira do Centro Comunitário insiste na necessidade de a Prefeitura construir urgentemente uma creche para atender a esses menores. Já foram apresentadas algumas soluções para que ela não seja um problema deles. Seriam construídas as chamadas creches casulo com capacidade para 30 crianças, mas não atenderiam ao elevado número de menores carentes com idade variável entre meses e 14 anos.

Numa das diversas reivindicações nesse sentido feitas pelo Centro Comunitário ao prefeito Carlos Lindenberg von Schilgen, este tem dito, de acordo com Cidinha Dalmazo, que bastava a entidade arranjar uma casa que o Município pagaria o aluguel. Porém, fez uma ressalva, a creche não poderia ser instalada num barraco, exigência impossível de ser atendida, considera Cidinha Dalmazo, porque naquela área inexiste uma casa dentro dos padrões exigidos pelo prefeito.

E ficou o impasse. Maria de Moraes, por exemplo, ganha por mês Cr\$

POBRE AFASTADO

Diz Cidinha Dalmazo que os ricos estão empurrando os pobres para outros bairros mais distantes. "Deve haver escolas - só agora estão construindo uma - e luz em certas ruas. Os doentes procuram o Centro Comunitário que atende 440 pessoas por mês, sendo 90 por cento do Maria Ortiz. A dengue mais comum nos adultos é deficiência cardíaca. E os médicos são poucos. O quadro de atendimento é esse. De segunda a sexta-feira, só no período da manhã, existe um pediatra que atende consultas de segunda a sexta-feira, das 7 às 10 horas. O clínico geral faz 13 às 16 horas. E o dentista atende nos cinco dias da semana, em dois horários: das 7 às 10 e das 12 às 15 horas.

Quem quiser pronto atendimento tem de vir à cidade. Ônibus que transporta os cinco mil moradores do bairro só circula até as 22h50m. E não tem eles nem o recurso de um aparelho para chamar uma ambulância. Tudo isso ocorre no Maria Ortiz, um centro populacional, bairro dormitório como o é Colábeiras, porém sem os mesmos recursos e tendo como recompensa um tremendo mal cheiro.

FALTAM MÉDICOS

Apesar desses transtornos, ainda existem aqueles que procuram alugar um barraco de quatro quartos por Cr\$ 1.500,00 ou uma casa por Cr\$ 3.500,00, no Maria Ortiz. O bairro é carente também de posto médico, de escola - só agora estão construindo uma - e luz em certas ruas. Os doentes procuram o Centro Comunitário que atende 440 pessoas por mês, sendo 90 por cento do Maria Ortiz. A dengue mais comum nos adultos é deficiência cardíaca. E os médicos são poucos. O quadro de atendimento é esse. De segunda a sexta-feira, só no período da manhã, existe um pediatra que atende consultas de segunda a sexta-feira, das 7 às 10 horas. O clínico geral faz 13 às 16 horas. E o dentista atende nos cinco dias da semana, em dois horários: das 7 às 10 e das 12 às 15 horas.



A convivência com o lixo é um hábito da comunidade de Maria Ortiz